

CRÔNICA

Ana Elisa Santana • anaelisasantana@gmail.com

Vamos ao teatro?

O que é o teatro? Para mim, é uma mágica. Uma das formas de arte mais genuínas, viscerais. Ao vivo, corpo, voz, fôlego, coração: tudo está ali, no palco, a mil. Mesmo ao se repetir, sessão após sessão, cada apresentação é inédita. Pensa comigo: não é um luxo ter artistas te entregando uma obra em tempo real, com todas as emoções que essa experiência pode proporcionar?



E, você já foi ao teatro? Para quem consegue incluir atividades culturais na rotina, parece uma pergunta óbvia. Mas ir ao teatro é, ainda, privilégio. Em outubro passado, tive a honra de interpretar Chiquinha Gonzaga — mulher negra, nossa primeira regente do Teatro Brasileiro — no espetáculo Chiquinha Gonzaga Entre Tempos, projeto da genial Marlene Souza Lima, sob direção de Sérgio Maggio. Minha madrinha, uma senhora de quase 80 anos, foi nos assistir e esta foi a sua primeira vez no teatro. Esse não é um caso isolado: pesquisas (escassas) mostram que cerca de metade da população nunca foi ao teatro. Muitos são os motivos.

O Distrito Federal tem diversos espaços culturais, teatros independentes, a maioria funcionando “na raça”. Se procurar, há espetáculos em todos os finais de semana, e, provavelmente, algum deles estará perto de

você. Mas há abismos que separam o teatro do público: dificuldades para comprar ingresso, horários limitados de transporte público, ou até mesmo se entender como alguém que pode e deve acessar este espaço. Eu falei que o teatro é um luxo; eu sei. Mas por oferecer artistas e uma equipe que produz arte ao vivo, a poucos metros de você. Não é para ser inacessível. Teatro é cultura, e como tal, deve ser para todos.

Para além da dificuldade de acessar o teatro, imagine os caminhos percorridos pelos artistas que precisam fazer o teatro acontecer? Ter a arte como escolha profissional, no DF, é sinal de resistência. E antes que você questione algo sobre a relevância da produção de arte, eu trago números: o Grupo Tripé realizou a pesquisa Mapa da Cena, sobre o fazer teatral do DF, e em uma

amostra de 120 espetáculos identificou a geração de 5.078 empregos diretos. Não preciso elaborar muito sobre o impacto na economia local, né? E na formação cultural, educativa, cidadã...

Eu faço parte da equipe de gestão do Espaço Multicultural Casa dos Quatro, que funciona na Asa Norte de forma independente e abriga os coletivos Arar, Levante, Organismo e Cia Rui-va. Todos os dias, artistas locais usam nosso espaço para ensaiar, se apresentar, se estruturar. Realizamos mostras que recebem espetáculos sem cobrança de pauta ou com descontos para abrir espaço a coletivos do DF: este mês, o Novembro Negro terá espetáculos e filme com protagonismo de artistas negros.

Procure saber! Somos ponto de encontro e entendemos ter responsabilidade e compromisso público com a cultura da cidade. Mas não se engane, temos limitações. E não são poucas.

Como a Casa dos Quatro, há diversos espaços privados lutando para manter a arte viva, e ao mesmo tempo conseguir pagar as contas. Mas, e os espaços públicos?

Lembra do espetáculo sobre Chiquinha Gonzaga do qual fiz parte? Ele foi apresentado na Sala Martins Penna do Teatro Nacional, reaberta em 2025 após 10 anos de reforma. Quase um ano depois, eu pergunto: quantos espetáculos locais como este ela recebeu? A sala, que tem capacidade para receber 480 espectadores, poderia ter

circulação de 2,4 mil pessoas caso funcionasse cinco vezes por semana. O que falta para que artistas e público brasileiro acessem os nossos equipamentos culturais?

Dificuldade de acesso a financiamento, poucos espaços para criar, falta de estrutura para construir carreiras com sustentabilidade. Ser artista no DF é um desafio. Atingir o público e criar conexão, também. É urgente pensar políticas públicas não só para realizar projetos, mas para formação de plateia, construção de uma relação mais próxima dos cidadãos com a arte da nossa capital. Do lado de cá, estamos produzindo, pensando e tentando criar formas de nos conectar.

E aí, vamos ao teatro?